

Amizade é Vida: produto do processo de trabalho do serviço social na instituição asilar através do desenvolvimento de grupos operativos

Friendship is Life: product of the social service work process in the nursing home through the development of operative groups

La amistad es Vida: producto del proceso de trabajo de servicio social en el hogar de ancianos a través del desarrollo de grupos operativos

Recebido: 09/09/2021 | Revisado: 15/09/2021 | Aceito: 16/09/2021 | Publicado: 17/09/2021

Lisiane Guterres Pedroso

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6930-4411>
Universidade Federal do Pampa, Brasil
E-mail: lisiguterres@gmail.com

Fernando Icaro Jorge Cunha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0064-4039>
Universidade Federal do Pampa, Brasil
E-mail: icaro729@gmail.com

Márcio da Mota Machado Filho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3443-2931>
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
E-mail: marciotm95@gmail.com

Naiane Soares Druzian

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5642-066X>
Universidade Federal do Pampa, Brasil
E-mail: nayanesd@hotmail.com

Adriana da Silva Biavaschi

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3521-4378>
Universidade Federal do Pampa, Brasil
E-mail: fereadri2002@gmail.com

Janete Hickmann

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6318-2065>
Rede de Ensino Municipal de São Leopoldo e Portão, Brasil
E-mail: janete22h@gmail.com

Itaíra Regina Teixeira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3565-9281>
Superintendência dos Serviços Penitenciários do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil
E-mail: reginatxster@gmail.com

Janete Mendonça Chrispim Maia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6338-2267>
Rede Municipal de Ensino de Nova Iguaçu, Brasil
E-mail: jmendonca.prof@gmail.com

Resumo

O presente estudo tem como objetivo discutir sobre a importância de grupos operativos, a partir do trabalho social, em um grupo de idosos que residem e convivem em um asilo. Este estudo, derivado de um Trabalho de Conclusão de Curso, visa contemplar o processo de conhecimento vivenciado durante o estágio curricular, sendo que para isto, foi dividido em capítulos. O primeiro faz um resgate histórico da velhice através dos tempos, como ela é vista por diferentes sociedades, trazendo também as políticas de atendimento ao idoso e como estas vêm se efetivando no contexto social. Salienta o crescimento do número de casas geriátricas devido ao crescente envelhecimento e em especial da instituição asilar Asilo da Velhice Nossa Senhora Medianeira e sua trajetória histórica. O segundo capítulo destaca os grupos e seu sentido na sociedade de uma maneira mais ampla, focalizando em grupos operativos que foram os grupos desenvolvidos com os idosos da instituição asilar. Traz também a importância do desenvolvimento destes grupos na terceira idade e quais as mudanças que possibilitam ao idoso participante. No terceiro capítulo, são feitas considerações acerca do processo de trabalho do Serviço Social, trazendo a vivência de estágio desde a observação até a implementação do projeto de intervenção, dando ênfase ao produto final, obtido através deste processo de trabalho. A metodologia deste estudo qualitativo é delineada a partir de um estudo de caso, utilizando o diário de bordo como instrumento de coleta de dados, neste estudo intitulamos como “diário de campo”, que posteriormente foram discutidos e relacionados com a bibliografia pertinente. Com isso, foi possível identificar a necessidade de um trabalho voltado aos idosos da instituição por meio da aplicação de grupos operativos, assim como

avaliar este processo de trabalho positivamente, com a efetivação do grupo, que resulta no fortalecimento e na autonomia aos seus participantes.

Palavras-chave: Serviço social; Asilo; Grupos operativos; Diário de campo.

Abstract

This study aims to discuss the importance of operative groups, based on social work, in a group of elderly people who live and live in a nursing home. This study, derived from a Course Conclusion Work, aims to contemplate the knowledge process experienced during the curricular internship, and for this, it was divided into chapters. The first makes a historical review of old age through time, how it is seen by different societies, also bringing the elderly care policies and how these have been implemented in the social context. It highlights the growth in the number of geriatric homes due to the growing aging process and in particular the asylum institution Asilo da Velhice Nossa Senhora Medianeira and its historical trajectory. The second chapter highlights the groups and their meaning in society in a broader way, focusing on operative groups that were the groups developed with the elderly in the nursing home. It also brings the importance of the development of these groups in the third age and what changes make possible the elderly participant. In the third chapter, considerations are made about the Social Work work process, bringing the internship experience from observation to the implementation of the intervention project, emphasizing the final product, obtained through this work process. The methodology of this qualitative study is delineated from a case study, using the logbook as a data collection instrument, in this study we titled it as “field diary”, which were later discussed and related to the pertinent bibliography. With this, it was possible to identify the need for work aimed at the institution's elderly through the application of operative groups, as well as evaluating this work process positively, with the effectiveness of the group, which results in the strengthening and autonomy of its participants.

Keywords: Social work; Asylum; Operative groups; Field diary.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo discutir la importancia de los grupos operativos, basados en el trabajo social, en un grupo de personas mayores que viven y viven en un hogar de ancianos. Este estudio, derivado de un Trabajo de Conclusión del Curso, tiene como objetivo contemplar el proceso de conocimiento vivido durante la pasantía curricular, y para ello se dividió en capítulos. El primero hace un repaso histórico de la vejez a través del tiempo, tal y como la ven las diferentes sociedades, acercando también a las políticas de atención a las personas mayores y cómo estas se han implementado en el contexto social. Destaca el crecimiento en el número de hogares geriátricos debido al creciente proceso de envejecimiento y en particular la institución de asilo Asilo da Velhice Nossa Senhora Medianeira y su trayectoria histórica. El segundo capítulo destaca los grupos y su significado en la sociedad de una manera más amplia, enfocándose en los grupos operativos que fueron los grupos desarrollados con los ancianos en el hogar de ancianos. También trae la importancia del desarrollo de estos grupos en la tercera edad y qué cambios hacen posible el participante mayor. En el tercer capítulo se hacen consideraciones sobre el proceso de trabajo de Trabajo Social, llevando la experiencia de la pasantía desde la observación hasta la implementación del proyecto de intervención, enfatizando el producto final, obtenido a través de este proceso de trabajo. La metodología de este estudio cualitativo se delinea a partir de un estudio de caso, utilizando el cuaderno de bitácora como instrumento de recolección de datos, en este estudio lo titulamos como “diario de campo”, los cuales posteriormente fueron discutidos y relacionados con la bibliografía pertinente. Con esto, fue posible identificar la necesidad de trabajo dirigido a los adultos mayores de la institución a través de la aplicación de grupos operativos, así como evaluar positivamente este proceso de trabajo, con la efectividad del grupo, lo que redundaba en el fortalecimiento y autonomía de sus participantes.

Palabras clave: Trabajo social; Asilo; Grupos operativos; Diario de campo.

1. Introdução

O envelhecimento populacional é algo de extrema relevância no contexto atual. Frente a esta realidade, há necessidade de políticas e programas que tragam respostas a essa demanda cada vez mais emergente. O aumento de instituições asilares foi uma resposta a essa nova face do envelhecer.

Ao ocorrer a institucionalização do idoso, torna-se imprescindível um trabalho direcionado a ele, para que este não seja segregado, mantendo-se atuante e participativo da sociedade. Através da experiência de estágio desenvolvido no Asilo da Velhice Nossa Senhora Medianeira, entre o segundo semestre de 2006 até o primeiro semestre de 2007, foi possível visualizar uma alternativa de mudança em relação aos idosos residentes, a efetivação de grupos semanais, visando a melhoria da qualidade de vida dos mesmos.

1.1 A velhice através dos tempos: políticas de atendimento e contextualização histórica e social do idoso

O fenômeno do envelhecimento é algo crescente no mundo inteiro nos últimos tempos. Por esse motivo, há uma preocupação da sociedade e dos governos em torno de políticas e programas que dêem conta dessa crescente demanda. Este fenômeno vem ocorrendo tanto nos países europeus como nos países em desenvolvimento e no Brasil, segundo as estatísticas, nas próximas décadas a população com mais de sessenta anos aumentará em torno de quinze vezes.

Juntamente com as modificações demográficas que estão acontecendo nos países, existe a necessidade de profundas transformações socioeconômicas, visando uma melhor qualidade de vida a esta população. Nos países em desenvolvimento, esta é uma questão complicada já que são economicamente dependentes e as políticas sociais acabam privilegiando alguns segmentos em detrimento de outros.

A sociedade moderna encontra-se diante do crescimento massivo do número de idosos e do aumento da expectativa de vida, o que mostra uma nova realidade, pois há algum tempo o jovem ainda era maioria e, mesmo diante desta nova realidade, ainda existem atitudes preconceituosas em relação à população idosa.

Em um momento onde há supervalorização do novo, do descartável, do tecnológico, o velho perde espaço para as máquinas e a produção do capitalismo. Os avanços tecnológicos decorrentes da revolução industrial e da valorização excessiva do desenvolvimento dão uma grande importância à força de produção, passando a julgar o homem pela sua capacidade de produzir. O resultado disso é a marginalização do velho e a perda de sua condição social.

Até algumas décadas atrás, a geração mais velha mantinha autoridade absoluta sobre a mais nova, exercendo autoridade e disciplina, o que mantinha um certo respeito pela parte mais jovem (Néri, 2002).

Analisando as gerações antigas dos povos chamados primitivos, vê-se que, nos primeiros tempos da história do homem, quando as ocupações estavam diretamente ligadas às condições de agilidade física, quando o poder das tribos estava nas mãos de caçadores e guerreiros, certamente que a juventude e meia idade exerciam o poder e autoridade; entretanto havia consideração aos mais velhos dentro dos grupos, devido a sua experiência de vida, conhecimento, por este motivo havia a procura dos mais jovens por conselhos e pela busca de sabedoria (Papaleo Netto, 2002).

Nas sociedades primitivas os velhos eram objetos de veneração; os jovens a eles recorriam em busca de seus conselhos; os idosos de então eram respeitados, a ponto de lhes confiarem negócios de grande importância social e econômica (Papaleo Netto, 2002, p. 9).

Em muitas culturas existiam os chamados conselhos de Anciãos, na Grécia antiga, por exemplo, o governo atribuía a esses conselhos poder judicial e direito de libertação. Também em Atenas e na Antiga República Romana os conselheiros públicos eram nomeados entre homens com mais de cinquenta anos.

Em muitas sociedades ainda há uma valorização da população idosa. No oriente, a velhice é sinônimo de sabedoria e os velhos são dignos de respeito e atenção pela experiência acumulada em seus anos de vida. Nas tribos indígenas, o ancião é um verdadeiro líder espiritual, devido ao seu conhecimento é tido como chefe da tribo, o pagé (Santiso, 1983).

O autor Evans-Pritchard *apud* Uchôa (2003), ao estudar um grupo étnico do Sudão, os Nuer, salienta que os membros de uma classe de idade devem respeito aos da classe composta por pessoas mais velhas, pois estes são superiores na hierarquia social. Algumas sociedades africanas consideram o envelhecimento uma conquista, pois, com o passar dos tempos, o homem aprende a viver e se aperfeiçoa como ser humano. Essas sociedades consideram que os mais velhos estejam mais próximos aos seus ancestrais e por este motivo detém a autoridade e a submissão dos mais jovens.

Um estudo realizado por Arcand *apud* Uchôa (2003) junto a uma população indígena da Colômbia, os Cuiva, mostra que esta sociedade nega todas as formas de envelhecimento, preocupando-se com a igualdade de ideais. Em Cuiva, ninguém é considerado velho demais para produzir, tomar decisões, casar ou desenvolver qualquer outra atividade.

No Japão, o idoso detém a autoridade patriarcal, é temido e respeitado, sendo o pilar de sustentação de toda a família. Também na China e nos países do Leste Asiático a devoção filial é algo extremamente forte. Existe uma relação de dependência, os filhos crescem numa relação de obediência e devoção em que os atos de cumprimento de obrigações são encarados como débitos, envolvendo reciprocidade. Desta forma, os filhos devem devolver aos pais os cuidados e educação recebida durante os seus anos de vida em todos os momentos, inclusive na velhice (Uchôa, 2003).

Já no Ocidente, a velhice é descrita em termos mais negativos, vista como perda ou falta do que é valorizado socialmente. Neste caso, uma sociedade decorrente da produção capitalista, focalizada no rendimento, juventude e dinamismo.

No Brasil, muitas pessoas consideram a velhice como sinônimo de doença pelo fato de pessoas idosas atuarem de forma pouco participativa e por ser considerado ultrapassado e improdutivo. Por este fato, a interação com outros atores sociais ainda é hostil, pois a imagem da velhice ainda está associada a seus aspectos negativos como a dependência.

Com o passar dos anos, houve mudanças quanto à visão da sociedade brasileira em relação às pessoas idosas. Na década de 60, a velhice era associada à situação de pobreza e essa população era alvo da assistência social. O que se debatia, nesta época, eram os meios de subsistência dos trabalhadores idosos e como preencher as lacunas do sistema de previdência social.

Ao final desta mesma década, pelo fato de se ter a velhice como marginalizada e se ter a visão do velho como solitário, começa-se a pensar em uma velhice com maiores condições de vida. Lazer, férias e serviços especiais de saúde para os aposentados se tornam campo de intervenção. Começa-se a usar o termo terceira idade e também a pensar na aposentadoria com níveis mais altos de potencialidade, desejos e consumo.

Nas décadas seguintes, uma nova visão é produzida, a de que o trabalho para o idoso é ilegítimo, ou seja, o que resta a ele é uma aposentadoria precária ou desemprego, pois já não tem lugar para ele no mercado de trabalho. Devido à complexidade dos novos tempos, o idoso torna-se ultrapassado, pois não representa mais força produtiva (Liberalesso, 1999).

A imagem social do idoso não está necessariamente de acordo com a realidade ou com a imagem construída por ele, pois existe um grande número de idosos socialmente engajados ativos e saudáveis. Com os avanços na medicina, houve um aumento da qualidade de vida, incluindo os idosos que passaram a viver mais e com melhor capacidade produtiva, sendo um cidadão mais ativo, com novos desejos. Além disso, devido à aposentadoria, o idoso passa a ser um novo alvo do mercado consumidor, com poder aquisitivo assegurado.

Nos países em desenvolvimento, o idoso passa a ser o provedor, às vezes único no contexto familiar, pois, devido ao grande número de famílias em situação de vulnerabilidade social, a aposentadoria passa a ser, em alguns casos, o único rendimento mensal. Dada a situação, o papel tradicional do idoso muda de figura, passa de dependente para provedor, porque contribui para a manutenção da renda familiar.

Segundo pesquisa da Gazeta Mercantil (2007) “Muitos dos que conseguiram escapar da pobreza estiveram sob o mesmo teto de velhinhos. A parcela de pessoas acima da linha da pobreza subiu de 39,5% para 54,6% nos lares com beneficiários da Previdência na zona rural”.

Diante desta nova realidade, exige-se uma nova postura da família, da sociedade e do Estado. É preciso que o idoso conte com as políticas públicas para envelhecer com qualidade de vida, sendo reconhecido como um cidadão de direitos no contexto social e político (Goldman, Paz & Portela, 2000).

1.2 Política de atendimento ao idoso: da década de 30 à contemporaneidade

Com o aumento da longevidade, também surgem as preocupações em torno desse tema como a do desenvolvimento de políticas e programas que promovam um envelhecimento digno e sustentável e, também, projetos que visem a um

envelhecimento com maior qualidade de vida. Mesmo diante de várias conquistas ao longo do tempo, ainda há muito caminho a se percorrer para a efetivação das leis implementadas até os dias atuais.

Na década de trinta, foram criadas as primeiras políticas que ampararam as pessoas idosas, as Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAPS) e os Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPS) que beneficiavam algumas categorias de trabalhadores. Na década de sessenta, foi promulgada a Lei Orgânica da Previdência Social (LOPS) a qual delineou o direito a todos os segurados ao auxílio-doença, aposentadoria por invalidez e por velhice, entre outros (Mazuim, 2005).

As precárias respostas às novas demandas e necessidades surgidas ocasionaram o agravamento de situações de marginalização, abandono e pobreza. A partir da década de setenta, a velhice passa a ser objeto de atenção, especificamente quando foi sancionada a primeira lei que contempla o idoso, a lei Sexagenária.

Dali para frente, a legislação se ampliou desde a Constituição Federal até a Constituição Estadual e Leis Orgânicas de Municípios. Também, a partir dessa época, foram sendo desenvolvidos distintos programas para o idoso em nível nacional, estadual e municipal.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 define como direitos sociais o acesso à saúde, à educação, à previdência e à assistência social. Cada um desses elementos diz respeito a um segmento da população brasileira. A saúde como um direito universal de todos; a previdência, direito dos contribuintes; e a assistência social para quem dela necessitar.

No caso da pessoa idosa, a nova organização das políticas sociais representa um avanço para a melhoria das condições de vida. A Assistência Social pode ser definida como a política pública, integrada por um conjunto de ações de iniciativa pública e da sociedade, que visa prover aos brasileiros com renda inferior aos mínimos legais, condições de inclusão na sociedade, através do atendimento às necessidades básicas, para o efetivo exercício dos direitos, que constituem a cidadania. É por isso que, na Assistência Social, não existe o princípio da contrapartida, ou seja, o benefício recebido não depende de contribuição realizada, ao contrário do que acontece com os benefícios previdenciários. (Brasil, 1988).

A Assistência Social prevista no artigo 203 da Constituição Federal trata da garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprove não possuir meios de subsistência ou de tê-la provida por sua família. Em 1993, foi editada a Lei Orgânica da Assistência Social que regulamentou o direito constitucional sobre o pagamento de um salário mínimo, especificando os requisitos necessários para que o idoso possa ser considerado beneficiário (Conselho Regional do Serviço Social, 2009).

O benefício de prestação continuada é a garantia de 1 (um) salário mínimo mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso com 70 (setenta) anos ou mais e que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção e nem de tê-la provida por sua família. Esta lei estabelece em seu artigo 2º que Assistência Social tem por objetivo a proteção à família, à maternidade, à infância, a adolescência e à velhice. (Brasil, 1993).

A Política Nacional do Idoso, estabelecida em 1994 (Lei 8.842), criou normas para os direitos sociais dos idosos, garantindo autonomia, integração e participação efetiva como instrumento de cidadania. Essa lei foi reivindicada pela sociedade, sendo resultado de inúmeras discussões ocorridas nos estados (Brasil, 1994).

Refere o Art. 12 da lei acima mencionada que compete ao Ministério da Cultura em conjunto com seus órgãos e entidades vinculadas, criar programa de âmbito nacional, visando a garantir ao idoso a participação no processo de produção, reelaboração e fruição dos bens culturais; propiciar ao idoso o acesso aos locais e eventos culturais, mediante preços reduzidos; valorizar o registro da memória e a transmissão de informações e habilidades do idoso aos mais jovens como meio de garantir a continuidade e a identidade cultural; incentivar os movimentos de idosos a desenvolver atividades culturais (Brasil, 1996).

Às entidades vinculadas do Ministério da Cultura, no âmbito de suas respectivas áreas afins, compete a implementação de atividades específicas, conjugadas à Política Nacional do Idoso. Ou seja, o idoso tem seu direito de

cidadania resguardado com saúde, moradia e qualidade de vida, direito a ter acesso a todas as informações, a ter acesso à cultura e a movimentos culturais, mantendo-se ativo e participante do convívio social.

O Estatuto do Idoso, lei 10.741, foi sancionado pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em primeiro de outubro de 2003, garantindo e ampliando os direitos dos brasileiros com mais de sessenta anos, tem como objetivo promover a inclusão social e garantir os direitos desses cidadãos uma vez que essa parcela da população brasileira se encontra desprotegida. A regulamentação deste estatuto veio fortalecer o cumprimento de leis no que diz respeito ao idoso, pois é mais abrangente que a Política Nacional do Idoso, tendo como prioridade absoluta o idoso, instituindo penas a quem desrespeitar ou abandonar este cidadão (Brasil, 2003).

Com o passar dos anos, conquistas no sentido de proteção ao idoso foram sendo efetivadas, tendo hoje um amparo legal a qualquer tipo de negligência que este possa vivenciar.

Mesmo diante de várias conquistas, há ainda muito a ser feito no sentido de efetivação das políticas existentes, o que representa um desafio político a ser enfrentado pelo Estado e pela sociedade para o atendimento às necessidades do idoso e condições dignas de sobrevivência e cidadania.

1.3 Casas asilares: alternativa ou segregação?

Nos países em desenvolvimento existe enorme dificuldade por parte dos governantes em resolver os problemas fundamentais como saúde, moradia e educação. Devido à situação de pobreza da maioria da população, a desigualdade social toma proporções alarmantes, sendo fortemente questionada em busca de alternativas. Enfrentar novos problemas torna-se mais complexo ainda, o envelhecimento populacional é um deles.

As instituições ou casas asilares ainda são uma das alternativas de enfrentamento. Diariamente, estas recebem inúmeros idosos provenientes dos mais diversos contextos sociais e com diferentes trajetórias de vida. Entre estes, já não estão somente os que necessitam de abrigo por questões de sobrevivência, mas idosos de todas as classes sociais que ingressam na instituição pelos mais variados motivos, que podem ser desde doenças crônico-degenerativas, o que dificulta o cuidado em casa, até a opção do próprio idoso pela instituição.

Em muitos lugares do mundo, os asilos surgiram para abrigar os idosos desprovidos de recursos e sem família, estes asilos estavam diretamente ligados à pobreza, por este fato, eram chamados de Asilos da Mendicidade. O objetivo das Santas Casas, hoje espalhadas pelos estados brasileiros, era dar abrigo aos idosos, aos pobres, desempregados, crianças abandonadas e doentes mentais.

Com o passar dos anos e com o aumento do número de idosos dentro dessas instituições passou a prevalecer o caráter de instituição para idosos. Somente a partir de 1964, essas casas foram definidas como instituição gerontológica. Geralmente são de caráter filantrópico e mantidas por associações religiosas (católica, espírita, evangélica), variando os tipos de acomodações. Conforme Faleiros (2006): as instituições 'pré-capitalistas' tem sua origem no sistema feudal, com a ideologia da caridade, do favor, do voluntariado e da boa vontade, veiculadas pela igreja católica.

No sul e sudeste do Brasil, houve um aumento de casas de repouso ou clínicas geriátricas de caráter privado, com fins lucrativos, com padrões altíssimos em seus serviços, podendo ser comparadas às instituições dos países desenvolvidos. As classes mais privilegiadas da população dispõem de serviços privados, enquanto que a maioria da população conta com entidades consideradas apenas como abrigo aos necessitados.

As casas de repouso com caráter privado, hoje são maioria, pois, com o envelhecimento populacional, a velhice tornou-se mercado empresarial. São chamadas casas geriátricas ou hotel-residência, as casas de níveis socioeconômicos mais elevados. Os idosos possuem acomodações individualizadas, com dietas individuais, com toda a assistência médica e atividades de recreação, no entanto seu custo mensal é muito elevado. Também há as casas de caráter privado, que não

atendem às necessidades dos idosos como espaços para lazer e deambulação, sendo apenas uma maneira de sobrevivência aos donos.

A portaria do Centro de Vigilância Sanitária, de 4 de dezembro de 1989, fiscaliza as irregularidades dentro das instituições, a fim de que estas tenham suporte adequado para abrigar os idosos. Mas, mesmo com a fiscalização, ainda existe um grande número de casas de repouso que não atendem adequadamente às necessidades da população (Papaleo Netto, 2002). De acordo com o estatuto do idoso, somente possui o consentimento para o funcionamento instituições asilares que estejam inscritas no órgão competente da Vigilância Sanitária e Conselho do Idoso (Brasil, 2003).

Segundo Mazuim (2005), em pesquisa desenvolvida no município de Cachoeira do Sul, sete instituições foram pesquisadas, sendo que uma delas é de caráter filantrópico sem fins lucrativos, ligada à entidade religiosa e seis instituições são privadas com fins lucrativos, tendo como atividade econômica a sua descrição principal. Todas elas possuem alvará, estão registradas na Secretaria Municipal da Saúde e Meio Ambiente – Divisão de Vigilância Ambiental – Setor de vigilância Sanitária, no Conselho Municipal de Assistência Social e no Conselho Municipal de Assistência ao Idoso.

As condições de vida do idoso brasileiro não são muito favoráveis, já que sobrevive com um valor baixo de aposentadoria, tendo às vezes mais pessoas da sua família sobrevivendo da sua renda. Além disso, caso seja necessária a sua institucionalização, poderá pagar uma casa de repouso de nível baixo ou aguardar uma vaga em entidades filantrópicas. Dentro da instituição, o idoso tem pouca autonomia já que, por questões de segurança, é um local fechado e com normas, portanto os moradores possuem uma liberdade vigiada.

Conforme Souza (1995, p. 44):

As instituições que se representam como conjunto articulado de saberes (normas, valores, ideologias) e práticas internalizadas na consciência comum de alguns agentes sociais e que são produzidos a partir das relações que se estabelecem entre os homens na produção da existência material.

Sabe-se que a família é considerada a base de qualquer pessoa, no entanto, com as mudanças na estrutura familiar como famílias entre pais e filhos, famílias nucleares, há um afastamento dos idosos deste círculo, pois estes demandam cuidados fisiológicos e psicológicos, o que a família moderna capitalista tem dificuldade em acompanhar devido à falta de tempo e à competitividade no mercado de trabalho. Existe, também, um total despreparo das famílias em relação à velhice, principalmente no que diz respeito aos cuidados especiais.

Hoje, existem modalidades de atendimento aos idosos que são chamadas de centro-dia. Estes preservam o vínculo familiar, sendo uma opção de atendimento aos idosos que necessitam, fazendo atendimento domiciliar aos mais dependentes e atendimento diário aos semi-dependentes, facilitando o convívio familiar e social.

O cuidado com o idoso envolve as relações pré-existentes em toda a sua vida familiar. Em muitos casos, esta relação foi desconstruída ao longo do tempo, por este motivo não se deve culpabilizar a família, mas tentar entender o que levou à institucionalização desse idoso. Por outro lado, a presença familiar dentro da instituição torna-se imprescindível para uma boa qualidade de vida deste idoso. O Serviço Social atua na mediação dessas relações, tanto no âmbito familiar como com os profissionais, comunidade e diretoria da instituição.

Segundo Souza (1995, p. 40) “Já aqui pode se depreender que a prática do Serviço Social é institucional não simplesmente pelo fato de ser operada em uma organização, mas, sobretudo, por ter o seu conteúdo definido nas relações de intermediação entre ela e a população”.

Atuando na instituição asilar através do campo de estágio, pode-se observar uma fragilização das relações familiares, existindo em muitos casos o abandono ou a impossibilidade do familiar em acompanhar e cuidar do idoso, como o caso de uma

senhora que foi deixada na instituição pelo irmão, o qual ela criou como um filho. O fato de morar em um município longínquo dificultava a sua presença, além dos seus problemas de saúde, que tornavam as viagens ainda mais difíceis.

Ele, também idoso, com problemas de saúde, não pode permanecer com ela, o que a deixou muito triste, sem entender o que estava acontecendo, acreditava estar ali temporariamente. “Não gosto desse lugar, liga para o S. e pede para ele vir me buscar, eu criei ele como um filho e ele me deixou aqui sozinha...”. (Diário de Campo).

A família é, tradicionalmente, considerada o sistema de apoio aos idosos, mas, frente às mudanças sociais, o individualismo crescente e a presença forte da mulher no mercado de trabalho – esta, que sempre foi considerada “cuidadora por excelência” – são situações que devem ser levadas em conta em relação ao suporte informal dos idosos brasileiros (Mazuim, 2005).

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (Estatuto do Idoso, 2003, p. 9).

A decisão pela institucionalização cabe à família, mas sua responsabilidade não acaba com a institucionalização. Os familiares devem se certificar quanto à qualidade dos serviços prestados ao idoso e se fazer presente na vida deste idoso, não transferindo a sua responsabilidade à instituição, pois esta não é capaz de substituir as relações familiares.

A partir da contextualização do espaço asilar abordar-se-á especificamente a instituição Asilo da Velhice Nossa Senhora Medianeira, onde foi desenvolvida a experiência de estágio curricular.

1.4 Asilo da velhice nossa senhora medianeira e sua trajetória histórica

O Asilo da Velhice Nossa Senhora Medianeira, de Cachoeira do Sul, tem início com a idealização da senhora Rica Carvalho Bernardes que era reconhecida na sociedade por sua grande preocupação com as pessoas em situação de vulnerabilidade social no município. A instituição começou como um departamento da Sociedade Cachoeirense de Auxílio aos Necessitados, (SCAN), tendo a senhora Rica como presidente onde permaneceu por dezoito anos, afastando-se apenas por problemas de saúde.

Dona Rica tinha o projeto de construir um lar para idosos e para isso contou com o auxílio de alguns políticos do município. Em 1948, o prefeito da época doou dois terrenos com uma casa de madeira localizados na Avenida Brasil e em abril deste mesmo ano foi inaugurada a “Casa dos Velhos”, o primeiro nome que foi dado à instituição. Nesta ocasião, a casa funcionava como departamento da SCAN e abrigava dezesseis idosos.

Em seis de janeiro de mil novecentos e quarenta e nove (06/01/1949), através de assembleia com a primeira eleição da diretoria, o Asilo teve sua fundação, sendo desmembrado da SCAN. Nessa ocasião, tinha como presidente da diretoria Dona Rica Carvalho Bernardes e passou a se chamar “Asilo da Velhice Nossa Senhora Medianeira”.

O Asilo da Velhice Nossa Senhora Medianeira foi fundado com o objetivo de amparar, acolher e proteger a velhice necessitada de Cachoeira do Sul. Dentro desta perspectiva deveriam ser tratados com dedicação e respeito, mas conforme as normas internas institucionais.

Como havia uma crescente demanda, houve a necessidade de aumentar as dependências da casa. Com a ajuda da prefeitura e da comunidade, foi construído um prédio de dois andares, sendo o andar superior destinado às pessoas que possuíam maior poder aquisitivo e, no andar inferior, seriam acomodados aposentados e isentos, permanecendo ainda a mesma estrutura organizacional.

Em dezembro de 1958, o Prefeito de Cachoeira do Sul, o Sr. Arnoldo Paulo Furstenu, sanciona e promulga a Lei Municipal nº 718 que declara de utilidade pública o Asilo da Velhice Nossa Senhora Medianeira pelos serviços prestados ao

Município. Sendo este título declarado mais tarde, em 1965, pelo então Governador do Estado do Rio Grande do Sul e em 1968 pelo Presidente da República, ficando a instituição isenta de encargos sociais.

Em 1962, a instituição começou a passar por momentos difíceis, com acomodações insuficientes diante da demanda. Devido ao crescente número de idosos institucionalizados, foi necessário o atendimento 24 horas, ingressando desta forma na instituição, em 17 de fevereiro deste mesmo ano, religiosas da congregação das irmãs de Santa Catarina para auxiliar na prestação de serviços e, mais tarde, passando a dirigir a instituição.

As irmãs adotavam uma postura conservadora baseada na igreja, nas tradições e nos princípios morais. Permaneceram na administração interna do asilo durante quarenta e um anos, saindo apenas em março de 2003.

Dona Rica Carvalho Bernardes dirigiu a instituição até o ano de 1966, afastando-se, apenas, por motivo de doença. Durante todo o tempo em que exerceu esta função, empenhou-se na busca de recursos e melhoria da qualidade de vida dos idosos institucionalizados. Quando se afastou, indicou o Senhor Nicolau Natalício Assman para a presidência, pois ninguém aceitava tal cargo. Ele ficou como presidente do Asilo até 1975. Neste período, a casa já possuía 12 funcionários e continuava contando com o serviço das religiosas. A próxima diretoria foi de 1975 a 1976, a qual tinha como presidente o Senhor Gelcy Isidoro Fogliatto, quando foi construída e equipada uma cozinha, com auxílio da comunidade. Na gestão 1977 a 1978, com o mesmo presidente, foram realizadas reformas em algumas dependências do Asilo.

Na gestão do presidente Euclides Bacchin, de 1979 a 1984, foi feito um convênio com a Fundação Legião Brasileira de Assistência (LBA) e, através deste, foi possível desenvolver algumas melhorias na parte física da instituição, dando assim possibilidade de oferecer aos internos um melhor atendimento. Foram contratados profissionais especializados como médicos, técnicos de enfermagem, recreacionista e assistente social, bem como, realizada melhoria na alimentação dos idosos residentes.

Em 1984, foi eleita uma nova diretoria, presidida pelo Sr. Edgar Muller que permaneceu por dezesseis anos. Neste mesmo período, o país começa a sofrer as consequências da globalização e da política neoliberal, remetendo responsabilidades do Estado à sociedade civil. Desta forma, a instituição também passa por períodos de crise, o que torna os serviços escassos, sendo o suficiente apenas para manter o seu funcionamento. Até 1989, a instituição contou com uma assistente social em tempo integral com programas e projetos voltados à melhoria da qualidade de vida tanto dos idosos como dos funcionários. Nos anos seguintes, o asilo contou com os presidentes Sr. Oscar Becker Sobrinho, de 2001 a 2003, e o Dr Gilberto Teixeira, nos anos de 2003 a 2005, o qual também era o médico responsável pela instituição.

Em março de 2005, assume uma nova diretoria que permanece até os dias atuais, com o presidente Sr. Fernando Chulipa Muller que, ao assumir, recebeu o asilo em condições precárias, tornando-se necessárias várias mudanças, inclusive no quadro funcional, sendo feitas várias demissões e também contratações como cozinheiro, enfermeira, técnicos e auxiliares em enfermagem, cuidadoras de idosos, recreacionista e assistente social. Ainda conta com estagiárias do Serviço Social, colaboradores e voluntários. Frente à questão financeira encontrada, fez-se necessária a criação de alternativas e propostas para a melhoria da qualidade dos serviços prestados pela instituição. Uma das estratégias foi a criação do marketing social, com campanhas para arrecadação de fundos, como “Corações a Mil” e “A Nota é Minha” em benefício da instituição, bem como a implantação do Brechó, através da doação de roupas e objetos para a comunidade.

Atualmente, a instituição mantém 66 idosos abrigados, sendo 20% das vagas destinadas a isentos e uma equipe com 27 funcionários para atendê-los. Busca a qualidade de vida dos idosos residentes através da prevenção e cuidados referentes à saúde, à cultura e ao lazer, no intuito de resgatar o vínculo familiar bem como o entrosamento na comunidade, atendendo pessoas a partir de sessenta anos de idade de ambos os sexos, com ou sem condições de sustento, em situação de vulnerabilidade social.

A instituição conta com profissionais capacitados que executam o trabalho de atendimento ao idoso, entre estes, o médico, que prescreve o tratamento que vai ser administrado ao idoso; o enfermeiro, que executa o prescrito pelo médico e

também por ser responsável técnico da organização institucional, tendo os técnicos em enfermagem como subordinados; a assistente social executa o trabalho de mediação dos conflitos entre idosos, familiares, funcionários, diretoria, reforçando a humanização das relações, através de suas competências técnicas e atribuições profissionais, bem como a realização de programas e projetos que visem beneficiar idoso e instituição.

A instituição visa a qualidade de vida e, para isso, desenvolve atividades internas. Conta também com o apoio de entidades da comunidade com a intenção de preconizar o que está previsto no Estatuto do Idoso, criando condições de fortalecimento das políticas públicas e possibilitando o desenvolvimento de programas e de projetos sociais.

1.4.1 Trajetória do serviço social na instituição

O Serviço Social deu início a sua trajetória na instituição através do convênio firmado com a Legião Brasileira de Assistência (LBA) por exigência do convênio no período de 1979/1980. Sem ter condições financeiras de contratar uma Assistente Social, a instituição buscou, com a prefeitura, a contratação da profissional. Esta era cedida ao Asilo apenas para cumprir exigências do convênio e trabalhar com situações mais emergentes.

A partir de 1980, a LBA começa a exigir um trabalho mais efetivo do Serviço Social na instituição. Por estar em tempo integral, esta profissional desenvolve atividades para os idosos em grupos e com a comunidade, atendendo também individualmente quando necessário.

Em 1982, chega uma nova Assistente Social à instituição que continua o trabalho da outra profissional e estabelece para o Serviço Social projetos e programas para se trabalhar com o idoso institucionalizado. Esta profissional permaneceu na instituição por oito (08) anos, em tempo integral, mesmo com todas as barreiras existentes, principalmente por parte das religiosas que faziam o trabalho interno junto aos idosos. Mostrou-se muito importante no espaço institucional, traçando para o Serviço Social uma trajetória de valorização tanto para o idoso como para o funcionário. Neste período, era realizada a triagem admissional, respeitando o objetivo do Asilo, fazia-se encaminhamentos quando necessários para as mais diversas áreas. O acompanhamento ao institucionalizado era feito integralmente, através de grupos, oficinas, atendimento individual.

Os anos posteriores à saída dessa profissional da instituição, trazem uma fragmentação na trajetória histórica do Serviço Social. Encontra-se apenas registro a partir de 1995 quanto ao procedimento realizado pelo profissional que trabalhou com o planejamento, elaboração e execução de projetos e serviços a fim de prestar atendimento aos idosos abrigados, bem como trabalhar na defesa de seus direitos e no resgate de sua cidadania.

No ano de 2000, uma nova profissional é inserida no contexto institucional, mas com carga horária diminuída, o que levou o trabalho do Serviço Social na instituição a voltar-se apenas para amenizar as demandas emergentes. Em 2002, a instituição conta com o trabalho de duas estagiárias do Serviço Social que trouxeram para o Asilo projetos voltados aos idosos, objetivando a valorização destes. Foram as primeiras estagiárias, abrindo um campo muito rico para a formação acadêmica deste profissional. As estagiárias ficaram na instituição até agosto de 2003 e neste mesmo período, a Assistente Social também sai, permanecendo apenas, até junho de 2004.

Em 2005, com uma nova mudança de profissional, o Asilo disponibiliza quarenta horas para a Assistente Social na instituição. Com isso, tem-se novamente um profissional em tempo integral. Inicia-se um novo processo na trajetória histórica do Serviço Social, pois é possível trabalhar diretamente com o idoso, em grupos, em projetos, objetivando sempre a qualidade de vida deste interno. Em agosto do mesmo ano, o Serviço Social recebe mais uma estagiária. O estágio tem a duração de um ano e, a partir do momento que sai uma estagiária, entra outra.

Neste momento, 2006, a carga horária do profissional é novamente diminuída para 20 horas semanais, o que não impede de continuar um trabalho voltado para a prevenção, mais individualmente, trabalhando em casos específicos, mas também pensando no todo, quando procura traçar, junto à diretoria, estratégias que possibilitem ao idoso qualidade de vida e

dignidade. A instituição conta ainda com duas outras estagiárias do Serviço Social, sendo que uma desenvolve seu trabalho voltado para a motivação do funcionário, com grupos para discussão e trocas de idéias, assim como capacitação.

O Serviço Social, hoje, trabalha com os idosos no atendimento às problemáticas apresentadas, sejam elas de relacionamentos internos, com a família, através de contatos telefônicos quando estes solicitam ou quando se percebe a necessidade do comparecimento na instituição. Durante toda a trajetória do idoso no Asilo, o Serviço Social o acompanha em avaliações sociais de comportamento, até o momento de seu desligamento, seja pelo motivo que for. Atende às famílias para esclarecimento sobre o funcionamento da instituição, do cotidiano dos residentes e para informar a real situação do idoso.

Idoso e familiares procuram o Serviço Social da instituição para o seu ingresso e, neste primeiro contato, já se esclarece o processo admissional. Neste momento, é realizada a visita domiciliar ao idoso pelos profissionais do Serviço Social e Enfermagem para avaliação social e clínica. O abrigo é feito se o parecer destes profissionais for favorável. Em seguida, é feito o acolhimento ao idoso com a assinatura do contrato de prestação de serviços e termo de responsabilidade da família; a partir deste momento inicia-se um acompanhamento ao institucionalizado com avaliações periódicas.

Também atua com os funcionários de forma a mediar as relações, sejam elas entre o funcionário e o idoso, entre os próprios funcionários, com a diretoria, e com familiares. Auxílio quanto à disposição dos funcionários nas escalas e no remanejamento dos mesmos quando necessário.

No âmbito da diretoria, atua como extensão, quando media as relações e aplica no cotidiano da instituição os objetivos da diretoria, bem como quando leva para a diretoria projetos que vislumbrem a qualidade de atendimento ao idoso, sendo estes, projetos sociais ou com a finalidade de captação de recursos financeiros.

Desta forma, o Assistente Social passou a ser o representante oficial da instituição frente aos idosos, funcionários, familiares, comunidade, voluntários e dirigentes, cumprindo o papel de mediador entre os diferentes atores envolvidos no processo institucional.

2. Metodologia

O presente estudo, derivado de um Trabalho de Conclusão de Curso, visa contemplar o processo de conhecimento vivenciado durante o estágio curricular, sendo que para isto, foi dividido em capítulos. O primeiro faz um resgate histórico da velhice através dos tempos, como ela é vista por diferentes sociedades, trazendo também as políticas de atendimento ao idoso e como estas vêm se efetivando no contexto social. Salienta o crescimento do número de casas geriátricas devido ao crescente envelhecimento e em especial da instituição asilar Asilo da Velhice Nossa Senhora Medianeira e sua trajetória histórica.

O segundo capítulo destaca os grupos e seu sentido na sociedade de uma maneira mais ampla, focalizando em grupos operativos que foram os grupos desenvolvidos com os idosos da instituição asilar. Traz também a importância do desenvolvimento destes grupos na terceira idade e quais as mudanças que possibilitam ao idoso participante. Destacou-se ainda a retrospectiva do Serviço Social de grupos e do grupo como um instrumento técnico da profissão. Nesta perspectiva, Both (1993), Rodrigues (1981), Kisnerman e Alves (1977), Mendiondo e Bulla (2002) embasam em seus trabalhos a questão da prática social, envelhecimento saudável, serviço social em grupos, bem como, fatores que fundamentam a vida cotidiana.

No terceiro capítulo, são feitas considerações acerca do processo de trabalho do Serviço Social, trazendo a vivência de estágio desde a observação até a implementação do projeto de intervenção, dando ênfase ao produto final, obtido através deste processo de trabalho.

Este estudo possui caráter qualitativo, delineado a partir de um estudo de caso. Segundo Ventura (2007), estudos de caso dão “a oportunidade para que um aspecto de um problema seja estudado em profundidade dentro de um período de tempo limitado” (Ventura, 2007, p. 385).

Pereira et al. (2018, p. 67) destaca que “um estudo de caso é uma descrição e análise, a mais detalhada possível, de algum caso que apresente alguma particularidade que o torna especial”. Para tanto, os dados coletados no diário de campo, adotam o caráter qualitativo, visto que o foco é direcionado aos dados descritivos. O entrelace destes aspectos fomentaram desde a construção ao produto final desta pesquisa, o mesmo foi intitulado “Amizade é vida”.

Para a coleta de dados, foi utilizado o instrumento diário de bordo, que nesta pesquisa foi intitulado “diário de campo” sendo este considerado um excelente aliado na organização, registros e levantamento de dados obtidos através de observações em pesquisas qualitativas. Segundo Machado (2002) “Um Diário de Bordo bem realizado é, portanto, algo que documenta processos de criação, e que acaba por ganhar, como texto, ‘vida própria’, funcionando como ferramenta de concomitantes aproximação e distanciamento do trabalho processual” (Machado, 2002, p. 262). Os resultados obtidos foram discutidos a partir da bibliografia disponível na íntegra sobre a temática.

Com isso, este trabalho objetivou, através da realização do estágio, identificar a possível necessidade de um trabalho voltado aos idosos da instituição por meio da aplicação de grupos operativos, assim como avaliar este processo de trabalho como forma de obter resultados positivos, como a efetivação do grupo, que resultará no fortalecimento e na autonomia aos seus participantes.

3. Grupos como alternativa de desenvolvimento para o idoso

3.1 Qual o sentido da grupalidade?

O grupo é um elemento importante na realização dos propósitos humanos, pois somos todos originários de grupos. Primeiramente, pertencemos ao grupo familiar, expandindo a nossa relação para o social. Podemos dizer que não é possível imaginar um ser humano fora de sua rede social. Conforme Zimermann, (2000, p. 82):

O ser humano é gregário, e só existe ou subexiste, em função de seus inter-relacionamentos grupais. Sempre, desde o nascimento, ele participa de diferentes grupos, numa constante dialética entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social.

Durante toda a sua vida, o homem vai se desenvolvendo em diferentes grupos, construindo a consciência humana, desenvolvendo suas funções mentais em aprendizagens com base em suas vivências. Desde o grupo natural, existente em todas as culturas, o ser humano convive com os componentes de sua família, em seguida, passa por escolas, creches, onde já começa a formar os grupos artificiais, que vão se renovando e ampliando na sua vida adulta.

Os grupos, quanto a sua composição, podem ser divididos em homogêneos e heterogêneos. Sendo assim designados quanto aos objetivos a que se destinam, sexo ou idade de seus componentes, o nível intelectual, o tipo de transtorno ou dificuldade de cada grupo. Na prática, o grupo considerado homogêneo é aquele que apresenta homogeneidade em relação a determinadas funções a que se destinam.

O termo grupo tem sido usado para se referir aos diferentes tipos de agregação de pessoas. Segundo Osório (2000, p. 11), “grupo é um conjunto de pessoas em uma ação interativa com objetivos compartilhados” e, para que seja considerado grupo, faz-se necessário que haja relações entre os seus integrantes.

Pode ainda ser considerado como uma rede, uma teia, onde o indivíduo está interligado ao todo, pois é uma parte dele e necessita de outros indivíduos para se desenvolver. A consciência de pertencer a um grupo passa a ser, para o indivíduo, uma referência da sua própria identidade, criada a partir do sentimento de pertencimento a esse grupo. Na medida em que se sente pertencente, coloca em evidência aspectos subjetivos de sua personalidade.

Dentro do grupo o indivíduo começa a tomar forma, pois desde o seu nascimento, através dos mais diferentes momentos históricos, aprende em grupos diferentes e, à medida que toma a forma desses grupos, os mesmos começam a tomar a forma dos indivíduos a eles pertencentes até o momento em que adquire identidade própria. A família é o primeiro grupo do qual o ser humano participa, nos seus primeiros seis meses de vida não sobreviveria sem os cuidados humanos. Dentro do ambiente familiar encontra segurança para desenvolver-se até chegar a vida adulta.

Quando existe a institucionalização dentro de um determinado grupo, percebe-se um afastamento dos objetivos originais deste, já que a família tem como objetivo o cuidado em relação a seus membros para a sobrevivência da espécie. Dentro da instituição há um distanciamento da família e o indivíduo fica sobre a proteção do Estado (Osório, 2000).

Os seres humanos perpassam as instituições desde o nascimento. A família, além de ser o primeiro grupo, também é uma instituição ideológica; logo após a escola, onde a criança agrega novos relacionamentos, até chegar ao trabalho, no qual o ser humano encontra os meios de sua sobrevivência.

Dentre os mais variados tipos de grupos, podemos destacar os operativos, os quais servem para desenvolver atividades cooperativas com os seus participantes no sentido integração e desenvolvimento e sobre o qual aprofundaremos nossos estudos.

3.2 Grupos operativos

O grupo operativo é tão abrangente que pode ser considerado como um continente de todos os demais grupos. Dele participam um conjunto de pessoas com um objetivo comum que opera e se estrutura a medida em que se relaciona. Grande parte do trabalho do grupo operativo consiste no treinamento para operar como equipe.

Sua teoria foi elaborada por Pichon-Riviere (1907-77). Nascido na Suíça, Pichon viveu desde os quatro anos de idade na Argentina onde se desenvolveu como profissional, tornando-se um dos mais talentosos e criativos psicanalistas do hemisfério Sul (Pichon-Riviere, 1988).

Para o autor acima mencionado, os grupos operativos definem-se como grupos centrados na tarefa sendo que um dos integrantes desempenha uma tarefa, como o porta-voz do grupo, ou então, é desempenhada através de outro tipo de técnica centrada no grupo, na qual todos desenvolvem uma tarefa e depois analisam o trabalho executado.

A execução da tarefa implica a desconstrução de alguns conceitos pré-estabelecidos, trabalhando o objetivo, que é uma tarefa explícita, contém sobre si uma tarefa implícita, buscando romper com estereótipos e integrar reflexão e conhecimento.

Nos grupos operativos, há necessidade de que todos os seus integrantes se envolvam para que, juntos, possam criar significados, problematizando suas ações e atualizando as suas relações entre si, com aqueles a quem atendem, esclarecendo e revendo o que tomam por problema de saúde e por ação.

O desenvolvimento de tarefas poderá levar o grupo à cura, segundo Pichon- Rivière, tanto em grupos terapêuticos como em grupos de aprendizagem. A interação entre os participantes e o objetivo em comum constituem um processo em evolução que pode se observar nos componentes do grupo.

Nos grupos operativos, certos elementos são indispensáveis ao andamento, como por exemplo o Porta-Voz ou coordenador que, em determinado momento, enuncia o que está implícito no desenrolar do encontro. Segundo Osório, (2000, p. 34) “O material veiculado pelo porta-voz chama-se emergente grupal e é função do coordenador decodificá-lo para o grupo”.

Cada indivíduo pertencente ao contexto grupal traz consigo sua trajetória carregada de particularidades, isto se denomina verticalidade grupal, pois cada indivíduo é único em suas experiências. Já a horizontalidade é o momento em que

todo o grupo compartilha determinada situação vivenciada ou levantada por um integrante ou pelo coordenador do grupo, fazendo com que os demais participem de forma consciente ou inconsciente.

Nos grupos terapêuticos, o porta-voz traz assuntos relacionados à enfermidade grupal e nos grupos de aprendizagem, os assuntos são relacionados com as dificuldades visualizadas dentro do processo grupal. Em outras palavras, o porta-voz é capaz de detectar determinadas situações vivenciadas pelo grupo e expressá-las no seu desenrolar.

Um ponto essencial na teoria dos grupos operativos é que eles devem funcionar operativamente, ou seja, ser um grupo de trabalho no qual deve haver um comprometimento com a mudança, sendo esta presente em todo o processo evolutivo. Os grupos operativos têm dado respostas produtivas nos mais diferentes tipos de grupo e têm sido uma alternativa significativa nos grupos desenvolvidos com idosos, como incentivo à produção e à colaboração dos participantes.

3.3 Grupos de convivência como alternativa na terceira idade

A velhice, considerada nos países desenvolvidos a partir dos 65 anos de idade e nos países em desenvolvimento a partir dos 60 anos, pode ser vivida de várias formas, nos mais diferentes contextos sociais.

As mudanças que, com o passar do tempo vão ocorrendo nas dimensões biológicas, psicológicas e sociais podem ocorrer em ritmos diferentes, tanto que, para determinadas pessoas, o tempo parece não passar, pois, apesar de ter muita idade, apresentam comportamento jovem. Entretanto, o contrário também pode acontecer com pessoas jovens que apresentam o comportamento de pessoas mais velhas.

Nesta fase da vida, surge a necessidade de adaptação, pois existe a perda de várias funções corporais, tornando o idoso mais lento. Com a aposentadoria, também existe a necessidade de se criar novas alternativas de realização a fim de encontrar novos meios de produção.

No processo de envelhecimento, para que haja desenvolvimento, faz-se necessário adaptação, aprendizagem e participação. O idoso terá de encarar a velhice de forma positiva, buscando suas capacidades existentes e descobrindo as que não conhecia, promovendo o auto-cuidado e a auto-estima.

Para que o idoso preserve sua memória, faz-se necessário exercitá-la através de boas leituras, palavras cruzadas, dentre outras atividades; não perder o vínculo com amigos e manter-se em contato com outras pessoas da sociedade. Conforme Vitola e Argimon, (2002, p. 100), “pesquisas revelam que atividades físicas e sociais têm efeitos preventivos e terapêuticos sobre as reações ao estresse e doenças”.

O desenvolvimento de grupos de terceira idade traz ao idoso a possibilidade de viver de forma sadia o processo de envelhecimento. Além de suas atividades diárias, poderá exercer atividades produtivas, remuneradas ou não, bem como atividades de lazer, propiciando mais autonomia e disposição.

Os grupos de convivência, geralmente, são realizados em centros comunitários, paróquias, associações e até mesmo em instituições, sendo uma alternativa a todas as classes sociais. São desenvolvidas várias atividades como artesanato, música, dança, ginástica, yoga ou se reúnem simplesmente para conversar (Vitola & Argimon, 2002).

Os idosos tem ido à procura de serviços em que possam aprender coisas novas, para que possam ocupar seu tempo livre em decorrência da aposentadoria, viuvez ou solidão. Isso porque todo o ser humano precisa de uma ocupação significativa, uma vez que a ausência desta ocupação pode trazer conseqüências como a depressão e o aparecimento de várias doenças.

Ao longo dessas últimas décadas, houve um aumento significativo dos grupos e centros de convivência. Na década de 1960, o Serviço Social do Comércio (SESC) foi o pioneiro no trabalho social com idosos e tem possibilitado atividades de lazer e cultura. No Brasil, no ano de 1977, foi fundada a primeira Escola Aberta para a Terceira Idade, abrindo caminho para os programas de universidade de terceira idade.

Em agosto de 1990, a Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica (PUC) – Campinas implantou a Universidade de Terceira Idade que contou com a assessoria do Professor Paulo Freire na discussão de sua proposta pedagógica, de extensão universitária e de educação permanente, concebida como um direito do cidadão idoso na busca da liberdade e da democracia.

Os grupos de convivência estabelecem vínculos afetivos entre os idosos participantes e estes encontram meios de compartilhar suas preocupações, angústias, sonhos e desejos com outros que vivem o mesmo processo. Desta maneira, sentem-se pertencentes a um espaço, com membros de sua geração, suprimindo a necessidade de pertencer a um grupo como os dos adolescentes.

Os idosos que frequentam grupos de convivência passam uma imagem de idoso ativo que faz da velhice um processo de conhecimento, pois realizam os projetos deixados de lado ao longo da vida e cuidam mais de si mesmos. Desta forma, torna-se um sujeito produtivo através do desenvolvimento de atividades artísticas, culturais, etc.

Tais grupos se multiplicaram pelo país afora e, ainda hoje, representam importante fator de socialização, principalmente para idosos de menores recursos econômicos e culturais. Atualmente, milhares de núcleos dessa natureza se espalham por todo o Brasil, abrigados em entidades públicas e em instituições particulares. Porém, ainda existe um grande contingente de idosos em nossa sociedade que sofre um processo de exclusão, pois estes não têm acesso aos programas e projetos oferecidos pelo Estado ou instituições que visam beneficiar a sua qualidade de vida.

O profissional do Serviço Social, ao atuar na questão do idoso, seja em grupos de convivência ou dentro de instituições asilares, deverá atuar também no âmbito da família, da instituição e da sociedade, na busca da melhoria da qualidade de vida, fortalecimento dos vínculos e melhoria das relações interpessoais.

A utilização de procedimentos definidos e documentados que orientem a atuação do profissional, atingindo os níveis de prevenção, curativos e de reabilitação faz-se de extrema importância para o andamento dos encontros. Tais ações devem propiciar condições e meios necessários, através de materiais adequados para os diferentes tipos de atividades, com condições ambientais, sem interferências externas, através de recursos didáticos.

O profissional deverá trabalhar com ética, assumindo um compromisso com os usuários, levando-os a ter motivação de interesse em participar dos encontros. O monitoramento deve ser constante, este engloba avaliações periódicas do andamento dos encontros e avaliação do profissional e dos participantes dos grupos, níveis de satisfação dos usuários e os resultados do processo grupal.

É fundamental desenvolver o vínculo com o usuário para que este confie nos serviços prestados e possa abrir-se para novas possibilidades, podendo vir à tona os seus sentimentos e angústias para as quais o profissional deverá estar apto a trabalhar.

Criatividade nos encontros da terceira idade é fundamental, pois se o idoso tiver interesse, participará sendo criativo e propositivo. Poderá ocorrer, em um primeiro momento, a recusa do idoso, mas isto não deve significar desistência, o profissional deverá estimulá-lo até o desenvolvimento de uma atividade (Papaleo Netto, 2002).

Segundo Papaleo Netto (apud Borsoi 2002, p. 351), a atuação do profissional “consiste em levar o idoso a perceber a qualidade da utilização do seu tempo, possibilitando a definição de novos padrões de atividades e reconhecimento da importância de ter um tempo só para si”.

Quando este trabalha em instituições fechadas, poderão ocorrer situações que dificultem o seu trabalho, como encontrar idosos apáticos, inativos, não demonstrando interesse por atividade alguma, ou o contrário também pode acontecer, encontrar instituições abertas a programas e projetos que visem à melhoria da qualidade de vida deste idoso. O profissional deve estar preparado para as diferentes realidades e mostrar a importância das atividades a serem desenvolvidas com os idosos dentro da instituição.

O primeiro passo é conhecer bem a instituição e a sua dinâmica interna para que saiba utilizar os recursos existentes, sejam estes humanos ou materiais, sabendo quando há a necessidade de serem utilizados novos recursos.

Contar com a atuação de técnicos especializados faz-se de suma importância no andamento dos grupos, pois este supervisiona a saúde e bem estar do idoso, promovendo uma maior qualidade de vida.

No desenvolvimento dos grupos dentro da instituição, deve-se evitar ao máximo a rotina e cuidar que as atividades sejam realizadas por todos ou quase todos os idosos e não somente por alguns, sem excluir os acamados, ou portadores de necessidades especiais. Desta forma, o profissional deve conhecer o usuário, sabendo das suas necessidades, dificuldades e limitações para que não haja exclusão de nenhum idoso na participação dos encontros.

É essencial a motivação, pois o idoso institucionalizado tende a ter níveis altos de tristeza e solidão que poderão ser amenizados pelo profissional que demonstre interesse em ouvi-lo e trazer assuntos de seu interesse.

Trabalhos, sejam artesanais ou de reflexão, desenvolvidos com idosos institucionalizados podem trazer benefícios consideráveis à sua saúde e bem-estar. Essas práticas dão oportunidade do idoso de engajar-se em uma nova perspectiva, de participar, ver seu trabalho exposto, ou simplesmente desenvolver tarefas de lazer, sentindo-se capaz, aumenta sua satisfação pessoal.

À medida que os grupos assumem o seu espaço na instituição, há necessidade de expandí-lo para a sociedade. Segundo Papaleo Netto (apud Borsoi (2002, p. 353):

O técnico necessita ampliar o seu trabalho para os centros comunitários, centros de convivência e trabalhar junto aos familiares, promovendo desta forma uma maior integração do idoso com a comunidade, que também necessita participar deste programa.

Ao lançar o idoso na comunidade, este se sentirá mais valorizado, tendo sua auto-estima mais elevada, por se sentir importante e participante, tornando-se um ser mais ativo e propositivo politicamente.

A Terceira Idade brasileira mobilizou-se na defesa de seus direitos e, como resposta a essa necessidade, organizaram-se os Conselhos Municipais, Estaduais e Conselho Nacional dos Direitos do Idoso. A conquista do Estatuto do Idoso e Política Nacional do Idoso foram avanços expressivos na luta contra a vulnerabilidade social desse segmento populacional.

O Serviço Social enquanto profissão interventiva, através dos seus instrumentos e saberes profissionais visa a garantia do acesso aos direitos da população idosa, através das políticas públicas existentes, propondo iniciativas, projetos e programas que venham ao encontro das necessidades, visando a melhoria da qualidade de vida bem como o fortalecimento dos sujeitos envolvidos.

3.4 Serviço social de grupo

Desde o início, os profissionais que utilizaram o Serviço Social de grupo tentavam uma definição simples. Ao longo do tempo esta definição sofreu algumas modificações. O conceito mais concreto foi de Marjorie Murph, que define o Serviço Social de grupo como um método do Serviço Social no qual havia uma maior participação social dos clientes.

O Serviço Social de grupo como método é concebido como um modo de ação democrática e como uma parte de atuação da profissão, através dele encontram-se educação informal, serviços à juventude, recreação, camping, o movimento trabalhista, centros sociais e centros comunitários. Como método, contribuiu para ampliar o conceito da profissão, pois mostrou um novo caminho com abordagem mais ampla.

A história do Serviço Social de grupo moderno faz parte da história das agências sociais que se desenvolveram numa sociedade em transformação. Frente à industrialização, houve um aumento da população rural para as grandes cidades e imigração em grande escala para os Estados Unidos. Devido a essa crescente demanda, houve a necessidade de um novo tipo

de abordagem, que conseguisse atingir um número maior de pessoas. Era necessário a auto ajuda e apoio mútuo que só poderia ser colocado em prática nos grupos.

Neste momento, houve o início do movimento trabalhista, não apenas na questão salarial, mas também relacionado às férias financiadas pelos próprios esforços operários. Houve as fraternidades que criaram seus próprios centros como os centros judaicos. Tratava-se de grupo de nacionalidade, que se ajudavam entre si e aceitavam suas próprias responsabilidades. Houve entidades e órgãos da juventude com participação de voluntários. Nestes grupos, havia o ímpeto da “ação dos cidadãos”, para melhorar a sua própria sorte ou a de terceiros. (Konopka, 1979).

No Serviço Social de grupo também havia o movimento recreativo que estava ligado à luta dos sindicatos pela jornada de trabalho com oito horas, pelo direito de usufruírem de vida criativa após horas no trabalho monótono e mecânico. Para as crianças moradoras das favelas, havia os playgrounds, os acampamentos de verão com piscina. Durante anos o Serviço Social de grupo, a recreação e a educação informal foram considerados, erroneamente sinônimos.

Segundo Konopka (1979, p.15), “no período posterior à primeira Guerra mundial, o Serviço Social de caso empregado nas Sociedades de Organização da Caridade, adquiriu nova compreensão da teoria psicanalítica”. Nesta época, o método do Serviço Social de grupo ainda não havia sido elaborado concretamente. Devido a várias transformações na sociedade, decorrentes da década de 20, teve início a investigação na área inexplorada da associação de grupo como uma maneira de conseguir uma sociedade melhor e de desenvolver um modo de vida verdadeiramente democrático. Desta forma, o serviço social não foi concebido como um método, mas como um objetivo, uma filosofia de vida. Segundo Konopka, (1979, p. 17): “o objetivo era, ainda aqui, a sociedade democrática como meio de proporcionar a mais alta realização do indivíduo e permitir-lhe assumir o seu lugar como um membro responsável da raça humana”.

Nos métodos utilizados pelo Serviço Social, era de suma importância ir ao encontro da população a ser atendida onde centravam-se os grupos e desenvolver técnicas a partir das quais esta poderia “apreender fazendo” com a utilização da informalidade.

Após 1920, o Serviço Social de grupo desenvolveu-se através dos esforços de grupos cada vez mais conscientes e de outros profissionais além do Assistente Social, como educadores e psicólogos. Em 1936, foi fundada a Associação Americana para o estudo do Serviço Social de grupo, mesmo assim havia resistência dos profissionais em aceitar a abordagem grupal.

No período após a Segunda Guerra Mundial, houve um forte impacto no Serviço Social de Grupo, fazendo com que este instrumento se identificasse mais com a formação profissional. As atividades de guerra fizeram com que os assistentes sociais de caso e de grupo se reunissem em escala maior. O serviço social de grupo começa a ter a influência da psiquiatria como já acontecia no Serviço Social de Caso. Fazendo, desta forma, experiências com grupos como forma terapêutica (Konopka, 1979).

Esses grupos tinham duas finalidades: a da higiene mental relacionada ao indivíduo e o objetivo da sociedade em manter a democracia. Segundo Konopka (1979, p. 26):

Os objetivos do assistente social de grupo incluem medidas para o crescimento pessoal de acordo com a capacidade e a necessidade individual, para o ajustamento do indivíduo à outras pessoas, à grupos e à sociedade, e a motivação do indivíduo no sentido de melhorar a sociedade, o reconhecimento, pelo indivíduo de seus próprios direitos, habilidades e das suas diferenças dos outros.

Com o passar dos tempos, o Serviço Social de caso, grupo e comunidade, que eram considerados metodologias diferenciadas do Serviço Social, passam a serem vistos como um todo, integrando-se na mesma metodologia e dividindo-se apenas, pelas abordagens: individual ou grupal. Segundo Torres (1977, p.27) “reunindo ao conhecimento científico a

cordialidade do enfoque de pessoa a pessoa e o respeito profundo pelas diferenças grupais, o assistente social estabelece um relacionamento como instrumento de trabalho na ajuda a indivíduos e grupos”.

Com o movimento de reconceituação do Serviço Social, através da “chamada geração de 65”, houve um rompimento com as influências norte-americanas e uma busca na construção de um serviço social marcadamente latino-americano, que pudesse dar respostas mais condizentes com a realidade. Essas influências dão ênfase à busca de um marco referencial/teórico para a prática da profissão com uma literatura autônoma (Dal’pizzol *et al.*, 2003).

Esse movimento de reconceituação passou por três momentos históricos. O primeiro, a partir de 65, fez uma tentativa de teorização da metodologia das condições brasileiras, com um Serviço Social mais voltado para uma integração social.

O segundo momento, mais reluzente a partir dos anos de 1972 e 1977, permitiu um questionamento da ligação do Serviço Social com os valores dominantes, questionando o Serviço Social tradicional com surgimento de novos paradigmas científicos. Finalmente, num terceiro momento, há um questionamento aos elementos constitutivos da profissão, sua relação teórico-prática, objeto e metodologia.

O Serviço Social, hoje, desenvolve abordagens tanto individuais como grupais. O grupo, hoje, é visto como um instrumento, uma ferramenta de trabalho, através do qual o profissional pode desenvolver suas competências técnico-operativas, teórico-metodológicas e ético-políticas, presentes em seu processo de trabalho, a fim de obter respostas significativas à realidade apresentada.

4. O processo de trabalho do serviço social na formação de grupos de convivência no contexto asilar

4.1 O processo de trabalho do serviço social no asilo da velhice nossa senhora medianeira

A sociedade capitalista desenvolve-se em função das relações de classe e de poder. Nela, o trabalho torna-se elemento fundamental à sociedade burguesa consumista que, através dele, obtém os elementos necessários à subsistência. Pelo fato de ser pensado, planejado, torna-se exclusivamente concebido à existência humana, diferenciando os seres humanos de outros seres.

Através do trabalho, o homem transforma a natureza em produtos necessários à sua vida, transformando também a si mesmo já que através do trabalho pode prover a si e a sua família, desenvolvendo uma atividade em que descobre suas capacidades e qualidades humanas. É através dele que o homem se afirma como um ser social, no modo de produção e reprodução pelos quais os processos de trabalho são organizados, depende das questões históricas das relações sociais dominantes, juntamente com a tecnologia empregada (Sanches *et al.*, 2003).

O marxismo compreendia o processo de trabalho como um elemento de transformação de um objeto ou matéria-prima, através de instrumentos adequados em um produto determinado. O objeto, através da atividade humana, sofre uma transformação, chegando ao produto final, que é o resultado do processo de trabalho.

Desta forma, também funciona o processo de trabalho do assistente social que tem na sua composição os elementos constitutivos, pois a matéria-prima ou objeto de intervenção sofre a transformação através dos meios ou instrumentos, transformando-se no produto final que é o resultado do processo de trabalho. Esses objetos de intervenção são as mais variadas demandas emergentes da questão social.

O serviço social é uma profissão socialmente determinada na história da sociedade brasileira e desenvolveu-se no marco das forças societárias como uma especialização do trabalho na sociedade através da realidade social e cultural. Sendo uma especialização do coletivo participante do processo de produção.

Através da prática profissional, o objeto sofre a transformação por meio dos instrumentos e técnicas aperfeiçoados, resultando em práxis com o objetivo de transformar. Os instrumentos ou ferramentas estão diretamente ligados à formação teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política da profissão.

O objeto de trabalho, a questão social, demanda a necessidade do profissional conhecer a realidade na qual se pretende impulsionar a mudança, sendo uma condição necessária ao exercício profissional. Devido as mais diferentes expressões da questão social não existe um único e definitivo processo de trabalho do assistente social. Conforme Iamamoto, (2004, p. 62).

Dar conta das particularidades das múltiplas expressões da questão social na história da sociedade brasileira é explicar os processos sociais que as produzem e reproduzem e como são experimentadas pelos sujeitos sociais que as vivenciam em suas relações sociais cotidianas.

O conhecimento é uma ferramenta essencial no processo de trabalho, é através dele que o profissional poderá conduzir sua intervenção. As bases teórico-metodológicas contribuem para clarear a realidade e para a utilização do instrumental adequado para realização da prática. A apresentação da demanda ao profissional remete ao instrumental que operacionalizará por meio de uma intenção que visa a um resultado.

Através do conhecimento da realidade do arsenal teórico da profissão, o Serviço Social busca as respostas aos mais diversos questionamentos que se apresentam na sociedade. Essas respostas representam o produto do processo de trabalho, a transformação através dos meios ou instrumentos, visando uma nova perspectiva aos usuários dos serviços.

Para uma melhor compreensão deste processo, enfocamos o processo de trabalho vivenciado no campo de estágio na instituição Asilo da Velhice Nossa Senhora Medianeira, através do qual pode-se observar, junto aos idosos residentes, a necessidade da ocupação do tempo ocioso dos mesmos, visando a melhoria da qualidade de vida.

Percebeu-se a necessidade de um espaço no qual o morador da instituição pudesse trazer à tona habilidades, potencialidades e subjetividades. O objeto desta intervenção centrou-se na expressão da questão social da Terceira Idade e, para obter-se os resultados, foi necessária a utilização de vários instrumentos como a escuta sensível, entrevista, abordagem individual e grupal e, principalmente, a utilização do instrumental grupo, através do qual foi possível o uso de várias outras técnicas.

O produto desta intervenção foi extremamente positivo, trazendo transformação na realidade apresentada. Através de vários encontros, ficou firmado na instituição um grupo de convivência que trouxe significativas mudanças no contexto por meio de mediações estabelecidas pelo Serviço Social.

4.2 Vivência de estágio: da observação à implementação do projeto de intervenção

A experiência do estágio curricular proporciona um período de significativa aprendizagem em que se estabelece uma relação direta com o arsenal teórico-metodológico do Serviço Social. A partir do cotidiano institucional, foi possível desenvolver as competências profissionais as quais permeiam a formação acadêmica, sendo estes conhecimentos técnico-operativos, ético-políticos e teóricos-metodológicos.

O estágio I foi um período de observação da prática profissional com algumas pequenas intervenções. Pode-se observar o trabalho do Serviço Social na instituição e perceber que este é de suma importância para a rotina institucional. A partir deste momento, analisou-se os limites e possibilidades no ambiente institucional vigente, propondo-se um projeto de intervenção com base na realidade.

No estágio II, foi possível intervir de forma mais efetiva através do projeto de intervenção, bem como desenvolver as atividades que são atribuídas ao Assistente Social da instituição.

Os atendimentos deram-se, principalmente, aos idosos, familiares e funcionários em questões referentes ao relacionamento entre estes, bem como ao cotidiano institucional. As questões referentes aos idosos estão relacionadas principalmente ao âmbito familiar, já que muitos idosos não convivem com os membros da família, sendo esta uma demanda

posta ao serviço social. Este faz um trabalho de fortalecimento dos vínculos familiares. No aspecto das relações interpessoais, são enfrentadas questões relativas às normas da instituição, esclarecimentos a respeito de saúde e à qualidade de vida.

Os atendimentos aos funcionários deram-se através de escuta sensível às dúvidas trazidas e relativas aos idosos, bem como os conflitos gerados na própria equipe entre os funcionários e a instituição.

No atendimento às famílias buscava-se sempre o fortalecimento dos vínculos entre os idosos e seus familiares, lembrando às famílias sobre as suas responsabilidades conforme o Estatuto do Idoso. O Serviço Social faz a mediação entre idoso e família quando estes a solicitam ou quando percebe-se a necessidade, e, também, através de contatos telefônicos. Faz-se o acolhimento às famílias que desejam institucionalizar os seus idosos, esclarecendo normas e rotinas da instituição.

A mediação é um instrumento de trabalho do Serviço Social que permite a análise das singularidades da intervenção nos diferentes contextos. Significa compreender a questão social de uma forma mais ampla, sabendo-se que esta passa por diferentes processos sociais e particulares. Através da mediação é possível articular outros instrumentos profissionais, sempre tendo em mente onde se quer chegar, usando o instrumento com um objetivo e intencionalidade (Giongo *et. al.*, 2003).

As mediações deram-se especialmente nas gerações de conflitos, em que o Serviço Social entra como agente facilitador do entendimento, socializando as informações. Conforme Faleiros (2006, p.49) “é no contexto das relações de força mais gerais do capitalismo e nas particularidades das relações institucionais, nas mediações do processo de fragilização/fortalecimento do usuário, que se define o trabalho do Serviço Social”.

O Serviço Social da instituição possui uma documentação detalhada dos idosos residentes. A documentação é um instrumento indispensável para o trabalho do Assistente Social, pois nela constam todas as informações sociais dos usuários. Todos os moradores possuem estudo social, constando aspectos de sua trajetória, assim como ficha de processo admissional, onde se coleta informações importantes a respeito do idoso e fichas de visita domiciliar. O estudo social está voltado para a investigação, segue uma metodologia e exige um posicionamento ético do profissional (Giongo *et. al.*, 2003).

Todo o familiar preenche o Contrato de Prestação de Serviço juntamente com o Termo de Compromisso no ingresso do idoso, também constando, entre os documentos, o Termo de Desligamento e Falecimento. O idoso, ao ingressar no asilo, deve ter condições físicas e mentais, não podendo ser admitido interno cujo quadro clínico necessite de atendimento em nível hospitalar.

Durante todo o período do estágio, foi possível desenvolver os vários instrumentos técnicos do Serviço Social, tais como a visita domiciliar, escuta sensível, acolhimento, mediação, entrevistas e questionários. Os questionários foram aplicados para construir a tabulação dos dados, visando descobrir o perfil do idoso institucionalizado.

A triagem do idoso é feita pelo Serviço Social a partir do momento em que dá-se a procura pela instituição. Assim, inicia-se o processo de admissão no qual é entrevistado idoso ou familiar, mostrando-se as dependências da instituição para os interessados. Após, é agendada uma visita domiciliar para que a Assistente Social e o Enfermeiro façam uma avaliação sobre os aspectos sociais e referentes à saúde.

Quando o profissional entra na casa de um usuário, toda a estrutura faz parte da intervenção e não somente dentro do seu lar, mas no seu bairro, seus vizinhos, tudo isto fará parte da realidade do usuário. No momento em que se faz uma visita domiciliar, aproxima-se do ambiente do usuário, da sua família. Segundo Amaro *apud* Giongo *et. al.* (2003, p. 37) “em uma visita domiciliar é importante que o observador seja capaz de encontrar a verdade daquela realidade, não a verdade que acredita ou quer ver”.

Por várias vezes foi desenvolvida a escuta sensível pela estagiária, a idosos, familiares e funcionários, como um instrumento essencial para a mediação dos conflitos. A escuta sensível faz parte de todo o atendimento do Serviço Social, tendo suma importância, pois é preciso escutar, colocando-se no lugar do outro, permitindo chegar a um caminho pertinente.

Saber ouvir a outra pessoa é manter a mente aberta e interessada no que se ouve a fim de compreender o que está sendo dito, estando de corpo e alma presentes, concentrando-se no assunto.

O acolhimento foi feito a todos os usuários que chegavam na instituição em busca de alguma orientação, bem como, no decorrer do estágio, a todos os idosos residentes e durante o desenvolvimento do projeto de intervenção. Este é o momento de criação do vínculo, que facilitará o processo interventivo, conversando brevemente sobre assuntos gerais que permitam ao usuário familiarizar-se com o Assistente Social.

Este é um instrumento utilizado no primeiro momento de contato com o usuário. Esse momento é de suma importância para o estabelecimento do vínculo. À medida que este vínculo é estabelecido, torna-se mais fácil a aproximação com a realidade apresentada. O Serviço Social da instituição também faz o acolhimento dos prestadores de serviço à comunidade que cumprem as horas determinadas na instituição, bem como dos voluntários que são encaminhados para desenvolver tarefas conforme seus interesses e habilidades.

A entrevista é utilizada no sentido de compreender, identificar ou constatar uma situação determinada. Segundo Giongo (2003) a entrevista é um encontro entre assistente social e usuário, cuja intenção é voltada a um objetivo constituído construído conscientemente e sobre o qual será estimulado o contrato.

Existem vários tipos de entrevista, uma delas é a entrevista de ajuda, que é definida por Benjamim, (2004 p. 15) como: “aquela que tem como objetivo principal ajudar o entrevistado. Ele está no centro, ele é o focalizado, ele é o mais importante, tudo o mais é acidental”. O autor entende que ajudar é capacitar os usuários a fazer aquilo que desejam profundamente, mas o profissional terá que cuidar para que o usuário alcance seu objetivo sozinho, sem a sua interferência.

A entrevista reflexiva também foi bastante utilizada no cotidiano asilar, tendo em vista que a prática do profissional do Serviço Social tem caráter reflexivo, pois é uma prática educativa, crítica, criativa e politizante que aponta para a ruptura com o instituído, colocando em permanente relação o conteúdo/forma, numa ação que envolve imediatamente os dois sujeitos em questão: usuário e profissional.

Faleiros (2006) refere-se ao paradigma da correlação de forças da intervenção profissional como confrontação de interesses, recursos, energias, conhecimentos, inscritos em um conflito de interesses. Pode-se observar, através do estágio curricular, este conflito presente já que a instituição possui recursos escassos às demandas emergentes e visualizadas pelo Serviço Social.

Através da vivência de estágio, também foi possível visualizar aspectos importantes para a intervenção profissional. Observou-se a necessidade de ocupação do tempo ocioso dos idosos, de se criar um espaço onde estes pudessem desenvolver suas habilidades e potencialidades, possibilitando uma melhoria nas relações interpessoais bem como possibilitar momentos reflexivos, nos quais venham à tona os sentimentos, interesses e aspirações de cada um, fazendo um resgate histórico da sua vida e cotidiano.

Nessa perspectiva, foi elaborado, no primeiro semestre do estágio, o projeto da construção de grupos de convivência com os idosos residentes do Asilo da Velhice Nossa Senhora Medianeira e, no segundo semestre, ele foi colocado em prática.

Após explicitar a proposta e ter sido aceita, foi dado início aos grupos de convivência que foram aplicados todos os sábados, tendo uma hora de duração. A princípio, foram criados dois grupos, separados pelas alas, de acordo com a instituição, sendo o mesmo tema tratado com os dois grupos. Após o andamento dos grupos, foi percebida a necessidade da união dos dois grupos e isto se tornou possível, formando um grande grupo.

4.3 Produto final: amizade é vida

Para a efetivação dos grupos de convivência na instituição, fez-se necessário ouvir o interesse dos usuários nos temas que seriam abordados bem como fazer um levantamento do número de idosos predispostos a participar, sempre tentando trazer aqueles com dificuldades especiais e convidando os demais para ingressar.

O primeiro encontro teve como objetivo principal a reflexão sobre a identidade, para a melhor integração entre os participantes do grupo, assim como a possibilidade de se reportarem a si mesmos. A estagiária desenvolveu o acolhimento a todos os presentes e em seguida aplicou uma dinâmica em que cada um deveria escolher um crachá com uma figura, após deveriam se apresentar aos demais componentes do grupo, falando um pouco de sua vida, sobre a idade, se tinham filhos, netos... E para finalizar, dizer o porque que escolheram a figura e o que ela teria de parecido com cada participante.

A Sra. D escolheu a figura de um pássaro para representar-se e assim justificou: “Escolhi o pássaro porque ele é livre, é como me sinto, tenho liberdade para decidir a minha vida e acho que isto é um privilégio... As palavras dos participantes trazem sempre o subjetivo, o que está interiorizado em cada um. Segundo Bilodeau *apud* Faleiros (2006, p. 64):

O trabalho da identidade é complexo, passando por mediações particulares e singulares como o trabalho sobre o nome das pessoas e grupos, sua origem, seus pontos de vista, suas trajetórias culturais, sua mobilização dos laços em suas redes primárias e secundárias, seu orgulho de pertencer a uma etnia e seus conflitos étnicos.

A estagiária falou da importância da identidade, das características que cada um traz ao longo de sua vida, fortalecendo a ideia de que cada ser é único em pensamento e atos e que isto deve ser respeitado e estimulado. Os idosos participantes demonstraram satisfação em estar nos grupos e deram sugestões. Foram desenvolvidas as mesmas técnicas para as duas alas.

No segundo encontro foram trabalhadas as relações humanas, tendo em vista ser este um problema constante na vida diária institucional, com o objetivo principal de melhoria das relações interpessoais. Todos os idosos participaram, apontando as maiores dificuldades encontradas e possibilidades para uma melhor aproximação com o outro. Foi utilizada uma dinâmica de grupo e mensagem sobre relações humanas. Este trabalho também foi desenvolvido nas duas alas.

Neste encontro, através da dinâmica, cada idoso pôde especificar os defeitos e qualidades do colega ao lado, o que fez com que algumas questões de relacionamento ficassem mais bem resolvidas. A Sra. A lembrou-se de sua grande amiga, vizinha de quarto, que há uma semana havia falecido: “A dona F era uma pessoa muito boa, era a única pessoa que eu tinha no mundo...” os sentimentos vieram à tona e chorou. Frente a esta questão, fez-se necessário mostrar à idosa que não estava sozinha e que tinha possibilidades de formar novas relações no grande grupo. A Sra. D, ao falar sobre o relacionamento, disse que “Cada pessoa é diferente, nasce em um ambiente diferente, com culturas diferentes. A gente aprende a conviver com os mais variados tipos de gente” (Diário de Campo).

O terceiro encontro foi um resgate sobre a história de vida de cada um, sendo esta uma sugestão de uma das participantes do grupo. Em uma das alas, cada integrante deveria relatar uma fase da vida que mais o marcou e por quê. Na outra ala, foi aplicada uma dinâmica com balões, contendo uma pergunta referente ao passado e às fases da vida. Através de algumas falas dos participantes, percebe-se as diferentes trajetórias, a Sra. ML relatou:

Moro há quarenta anos no asilo, perdi meus pais cedo e até hoje sinto falta deles, desde cedo trabalhei em casas de família e através dos meus estudos, consegui passar em dois concursos, tive muita força de vontade e com o dinheiro que eu recebi, realizei o sonho de comprar um piano.

O Sr. I, por sua vez contou: “Fiquei solteiro, trabalhei como capataz de uma fazenda, me tornei da família do dono, filha, mas foi só eu ficar doente que eles me trouxeram para o asilo” (Diário de Campo).

Como se percebe, trabalhar a historicidade da pessoa idosa propicia a este uma reflexão sobre a sua vida, trazendo os aspectos importantes de sua trajetória, fortalecendo a sua auto-estima. Segundo Faleiros (2006, p. 74):

As trajetórias não são processos mágicos, mas uma construção e uma desconstrução de poderes numa dinâmica relacional em que se entrecruzam de forma interdependente os ciclos longos da história e os ciclos curtos das vidas dos indivíduos, os tempos históricos e sociais e os tempos familiares, grupais e individuais.

Já no quarto encontro foram trabalhados aspectos relativos ao envelhecimento com a colaboração de uma participante do grupo que trouxe um artigo do jornal sobre as perdas e ganhos da velhice, escrito pela psicóloga Luisa Mazuim. Cada integrante do grupo relatou um pouco de sua trajetória, trazendo os aspectos positivos e negativos do processo de envelhecimento.

O objetivo foi trabalhar com os dois grupos fazendo uma reflexão sobre a importância de se envelhecer e poder passar aos mais jovens o conhecimento de anos de experiência de vida. Segundo as palavras da moradora E, “Na velhice a gente perde a agilidade, fica difícil fazer certas coisas, mas ganhamos conhecimento, experiência e sabedoria”. A opinião da Sra. D foi a seguinte: “Com o passar dos tempos nós vamos nos corrigindo, erros que a gente cometia antes, não comete mais” (Diário de Campo).

Os encontros subsequentes trataram de assuntos referentes a alguns aspectos visualizados entre os integrantes do grupo. Um deles foi o preconceito, pois a estagiária pôde observar que em algumas pessoas este estava presente e arraigado de forma que tornava difícil o seu relacionamento com os demais integrantes. Este tema foi tratado nas duas alas, tendo ótima repercussão, pois foi aplicada uma dinâmica com bonecos, sendo que cada um representava uma expressão da questão social, tendo os idosos que salvá-los de uma ilha naufraga e dizer o porquê de estarem os salvando.

Foi uma técnica muito interessante, pois puderam perceber que todos os seres humanos são iguais independente dos atos que praticaram. Também estimulou a imaginação dos idosos na construção de um desfecho para a história. Segundo a Sra. E: “Não importa o que a pessoa foi no passado, o que importa é como ela será no futuro e todos têm que ter uma segunda chance”.

A Sra. ML, ao salvar o deficiente físico da ilha, justifica: “Ele não saberia se defender e dentro de minutos estaria morto, sem a ajuda de alguém, eu sempre estou precisando da ajuda das pessoas porque não enxergo” (Diário de Campo)

Outros temas relevantes tratados nos grupos foram a questão da motivação e busca por novas oportunidades, pois se percebia a falta de motivação por parte de alguns idosos e também encontros referentes à saúde e lazer, com a mesma conotação, este último contou com a presença de uma acadêmica do curso de pedagogia da ULBRA que fez um trabalho voluntário de recreação na instituição. Os idosos ficaram muitos satisfeitos, pois gostam muito de trabalhos voltados à recreação.

Neste encontro, o Sr. D falou um pouco sobre sua trajetória, ao ter a tarefa de contar uma história, remeteu à sua vida: “Fui marceneiro e trabalhei durante toda a minha vida, eu construía brinquedos para as crianças brincarem”. Após estas palavras emocionou-se, pois há anos não via o filho. Mas, ao mesmo tempo, demonstrou orgulho pelo seu passado. A Sra. H, ao responder a pergunta “O que gosta de fazer para se divertir?”, respondeu: “Eu gosto de fazer passeios, brincadeiras, gosto de participar do Ulbracati e dos grupos” (Diário de Campo).

Com a mesma intencionalidade, foi desenvolvida na instituição uma palestra com um acadêmico de educação física da ULBRA que falou sobre a importância dos exercícios físicos para os idosos, da importância do movimento para a saúde física e mental, desenvolvendo ginástica laboral com os idosos, com música e dança. Todos gostaram muito da palestra e ficaram muito animados. Este encontro marcou a nova fase do grupo em conjunto com as duas alas. Segundo as palavras do Sr. I. “Foi muito boa a palestra, mas eu não vou parar de fumar, só vou tentar não ficar tão parado”. (Diário de Campo).

Durante os encontros, foi possível desenvolver atividades fora do contexto institucional, devido a demonstrações de interesse por parte de alguns idosos. Foram feitos passeios como ao Zoológico Municipal, que possibilitou contato com a natureza e com os animais silvestres. Também foi feito um passeio na praça do Chateau d'eau e igreja Matriz, em que muitos resgataram os momentos de juventude nos quais passeavam em praças e se divertiam, trazendo também o aspecto religioso, já que este é algo muito evidente nos moradores da instituição. Na Biblioteca Pública Municipal, os idosos assistiram a peças teatrais com personagens da sua época, resgatando as memórias do passado. E por fim, na Festa da Noz e do Arroz desenvolvida na Praça Honorato de Souza Santos, os idosos puderam visitar os estandes e descontraírem-se ao som da música.

No encontro de integração das duas alas, foi aplicada uma dinâmica de integração, na qual os participantes foram divididos em duplas com um participante de cada ala. Estes deveriam conversar durante algum tempo para, após, apresentar o companheiro ao grande grupo. O objetivo de integrar as duas alas deu resultado positivo, pois muitos idosos nunca haviam conversado com alguns moradores e esta foi uma forma de aproximação. O Sr. N assim apresentou a Sra. E: "Ela é uma pessoa boa, gosta de ajudar os outros, morava com um sobrinho antes de vir para o asilo, e veio porque quis". Ao apresentar o Sr. N, a Sra. E. falou: "Ele é muito alegre, quando chega a hora do almoço ou café, todos vêem que ele está chegando pela sua alegria, trata todos bem e é muito participativo" (Diário de Campo)

Nesta nova fase também foram desenvolvidos temas como os direitos do idoso, que foi muito interessante, pois os idosos deixaram claro que conheciam os seus direitos e os reivindicavam sempre que necessário. Neste encontro, foi aplicada uma técnica de colagem em que deveriam colar gravuras que viessem ao encontro do tema tratado. No final do encontro, foram reforçados todos os direitos e os idosos relataram a vontade de participar de um coral.

Segundo a Sra. E:

Todos têm direito ao amor, ao trabalho, muita gente se acomoda depois da aposentadoria, não fazem mais nada, não participam de nada, se tornam ociosos, deveriam procurar alguma coisa para fazer, se manter ativos, eu nunca parei, estou sempre envolvida com a minha comunidade (Diário de Campo).

Já a Sra. H salientou "Todos tem direito à alimentação, higiene, a ter família e ao amor, que é o mais importante" (Diário de Campo).

Outro tema tratado foi sobre os sentimentos de cada participante, quando cada um pôde se expressar através da dinâmica, relatando as coisas das quais se arrependiam, as coisas que mais lhe comoveram, o que mais amam e o que poderiam fazer para seguir em frente. O resultado foi surpreendente, pois os sentimentos ficaram evidentes devido às mais diferentes histórias de vida e muitos idosos não conversavam com ninguém sobre estes sentimentos, foi uma forma de desabafo, que trouxe um grande enriquecimento ao grupo. Segundo o Sr. N "As coisas que mais amo na minha vida são primeiro Deus, segundo os meus amigos e terceiro Nossa Senhora e me sinto um vitorioso porque venci um derrame e estou aqui, gosto de aproveitar a vida eu amo a minha vida".

No encontro seguinte também foi abordada a questão dos sentimentos, neste encontro foi falado sobre os problemas e o que fazer para superá-los, para isto foi desenvolvida uma dinâmica em que uma bola de papel representava os problemas. Cada participante deveria retirar o papel e nele constaria uma tarefa a ser cumprida, que significaria o vencimento de um problema. Para H, foi sorteada a tarefa "conte algo que o marcou profundamente" e esta relatou: "O que mais me marcou na minha vida foi o fato da minha mãe ter me dado a outra pessoa quando eu era pequena, mas ela não tinha condições de me cuidar e a minha mãe adotiva era tudo para mim." (Diário de Campo).

Os participantes do grupo gostaram muito de desenvolver as tarefas, pois estas continham tarefas engraçadas, e os participantes gostavam muito de recreação. No final, todos falaram das formas de vencer os problemas e ficou estipulado o nome do grupo de convivência da instituição, escolhido pelos próprios idosos: "Amizade é Vida".

Foram desenvolvidos encontros em que o objetivo principal era o resgate da autoestima, possibilitando aos idosos reflexão sobre si mesmos, trazendo esta ao grande grupo. Foi utilizada a dinâmica da caixa na qual se avisaria os participantes que teriam que dar uma nota para a foto que estava na caixa e ao abrirem se dariam conta de que a foto na verdade era um espelho e deveriam dar a nota para a sua imagem refletida.

A Sra. D se deu a nota mais baixa, cinco e justifica: “Eu me dou nota cinco porque ainda tenho muito que aprender, muito a melhorar como pessoa, estou sempre errando, e tentando acertar assim é até o fim de nossas vidas a gente está sempre aprendendo”. Sra. S “eu me dou nota 100 por todos os problemas que tive na vida e ainda continuo firme e forte.” (Diário de Campo).

O resultado deste encontro foi muito positivo, pois pôde-se observar que todos têm orgulho de sua trajetória, inclusive por continuar tendo uma vida ativa, mesmo dentro da instituição. Neste sentido, também foi desenvolvida a dinâmica do Chapéu, em que cada participante deveria tirar o chapéu para outro participante do grupo, valorizando o colega e este se sentindo-se valorizado. A Sra. R tirou o Chapéu para o Sr. D, dizendo que: “Ele é uma pessoa admirável, muito participativo, alegre e apesar de ter tido um derrame, não perdeu a vontade de viver.” (Diário de Campo).

Após a implementação do projeto, pode-se perceber que houve significativa mudança no comportamento dos idosos participantes, pois estes tornaram-se mais participativos, ganhando autonomia e resgatando a sua auto-estima. Percebeu-se ainda que o grupo caminhou para sua independência, pois os idosos participantes traçaram planos para o grupo e deram uma identidade a ele, com a escolha do nome.

O Serviço Social buscou coerência em seu projeto profissional, as estratégias utilizadas foram baseadas nos princípios éticos da profissão, buscando dar o atendimento adequado à população integrante deste processo de trabalho a fim de amenizar as problemáticas existentes neste contexto do cotidiano institucional.

5. Considerações Finais

A experiência vivenciada através do estágio curricular no Asilo da Velhice Nossa Senhora Medianeira, oportunizou o desenvolvimento de habilidades e competências profissionais do Assistente Social, promovendo a relação da teoria com a prática na busca do conhecimento profissional.

No primeiro momento de observação, foi necessário conhecer o espaço institucional, através de seus limites e possibilidades para, desta forma, apresentar uma proposta interventiva que viesse ao encontro da demanda apresentada.

O idoso institucionalizado apresenta, em alguns casos, aspectos depressivos e sua tendência é o isolamento, mediante este fato se torna de suma importância a tentativa de trazê-lo à participação e integração. Através do desenvolvimento de grupos, é possível fazer com que este se fortaleça e se torne presente até mesmo na própria comunidade.

A busca de novas oportunidades ao idoso institucionalizado instigou um trabalho que lhes interessasse e que possibilitasse uma maior integração e socialização. A partir do momento em que se percebeu a necessidade de um espaço para eles, este trabalho trouxe resultados positivos.

Através dos encontros, os idosos puderam desenvolver as suas habilidades e potencialidades bem como falar dos sentimentos e emoções, o que provocou uma maior aceitação do público alvo. Para que isto fosse possível, ao longo dos encontros, a estagiária conseguiu estabelecer um vínculo, de forma que os mesmos compreendessem a importância do trabalho e se sentissem seguros ao se expressar.

Os grupos possibilitaram trazer à tona os sentimentos mais implícitos dos idosos, a vontade de participar, de dar respostas, de se movimentar. Também houve participação de outros profissionais de educação física e da pedagogia, visando, respectivamente, o movimento e a recreação.

No início dos trabalhos, os grupos eram divididos por alas, a fim de que as duas alas pudessem se conhecer e participar até a efetivação dos encontros. Posteriormente, os grupos se uniram, tornando-se um grande grupo, para maior integração, pois havia idosos que não se conheciam. O trabalho direcionado ao idoso é extremamente gratificante e enriquecedor, pois traz o conhecimento de diferentes tipos de trajetórias, histórias de vida, visões de mundo e concepções.

Com o desenvolvimento da ação profissional no campo de estágio, por vários momentos retomou-se as bases teórico-metodológicas, ético-políticas e técnico-operativas da profissão, buscando a articulação com os instrumentais e técnicas profissionais. Por fim, conclui-se que o agir profissional depende da reflexão nos aspectos da realidade apresentada, objetivando a transformação através das mediações estabelecidas pelo Serviço Social.

Cabe ressaltar que, através do estágio curricular desenvolvido no ambiente institucional, chegou-se a transformações relevantes, pois o objetivo foi atingido através do processo de trabalho que resultou no grupo: “Amizade é Vida”.

É importante mencionar que, após a conclusão do estágio curricular e Trabalho de Conclusão de Curso, o grupo terá continuidade através do trabalho de outra estagiária do Serviço Social. Faz-se de suma importância que a instituição procure formas de preservar, de dar continuidade a este trabalho visto que ele traz muitos benefícios aos idosos, principalmente àqueles que tem dificuldades de sair do ambiente vigente. Além disso, este trabalho corrobora para uma possível pesquisa futura que pode vir a investigar especificidades nos processos psicossociais, bem como, a influência das relações interpessoais.

Referências

- Benjamin, A., & Arantes, U. C. (trad.). (2004). *A entrevista de ajuda*. (11a.ed.). Martin Fortes.
- Both, A. (1993). *Práticas sociais na terceira idade*. Gráfica e Editora UPF.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Senado Federal.
- Brasil. (1993). Lei N° 8.742 de 7 de dezembro de 1993. *Dispõe sobre a Lei Orgânica de Assistência Social*. Brasília.
- Brasil. (1994). Lei N° 8.842 de 4 de janeiro de 1994. *Política Nacional do Idoso*.
- Brasil. (1996). Decreto de Lei N°. 1948 de 3 de julho de 1996. *Regulamenta a Política Nacional do Idoso*.
- Brasil. (2003). Lei N°. 10.741 de 1° de outubro de 2003. *Estatuto do Idoso*.
- Conselho Regional de Serviço Social (10a. Região). (2009). *Coletânea de Leis*. Dacasa.
- Dal'pizzoL, O. P. P., & Mazuim, C. (2003). *Fundamentos Históricos, teóricos e metodológicos do serviço social II*. Cadernos Universitários: 74. Canoas: Ulbra, 52p.
- Faleiros, V. P. (2006). *Estratégias em Serviço Social*. (6a.ed.). São Paulo.
- Giongo, C. D., Wunsch, D. S., & Felizardo, L. Z. Z. (2003). *Processos de trabalho do Serviço Social III*. Cadernos Universitários: 90. Ulbra, 46p.
- Goldman, S. N., Paz, S. F., & Portela, A. (2000). *Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?* CBCISS: ANG/Seção.
- Iamamoto, M. V. (2004). *O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. (7a.ed.). Cortez.
- Kisnerman, N., & Alves, E. F. (trad.). (1977). *Serviço Social de grupo: uma resposta ao nosso tempo*. Vozes.
- Konopka, G. (1979). *Serviço social de grupo: um processo de ajuda*. Zahar.
- Liberalesso, A., & Debert, G. G. (orgs.). (1999). *Velhice e Sociedade*. Coleção Vivaidade Papirus.
- Machado, M. M. (2002). *O diário de bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes cênicas*. Sala Preta, 2, 260-263.
- Mazuim, C. H. R. (2005). *Idoso Institucionalizado: suporte, abrigo ou segregação?* Ulbra.
- Mendiondo, M. S. Z., & Bulla, L. C. (2002). *Idoso, vida cotidiana e participação social*. In: Terra, L. N., & Dorneles, B. (org.). *Envelhecimento Bem-Sucedido – Programa Geron*. Porto Alegre: Puc.
- Néri, A. L. et al. (org.). (2002). *Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais*. Alínea.
- Osório, L. C. (2000). *Grupos: teorias e práticas – acessando a era da grupalidade*. Artes Médicas Sul.

- Papaléo Netto, M. (2002). *Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. Atheneu.
- Pedroso, L. G. (2007). *Diários de Estágio*. Acervo pessoal.
- Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da Pesquisa Científica*. UFSM.
- Pichon-Riviere, E. (1988). *O processo grupal*. Martins Fontes.
- Rodrigues, M. L. (1981). *O trabalho com grupos e o serviço social*. (3a.ed.). Moraes.
- Sanches, Dolores et. al. (2003). *Processo de trabalho do serviço social*. Cadernos Universitários: 76. Ulbra, 33p.
- Santiso, T. P. S. (1983). *Terceira Idade: Tempo para viver*. Paulinas.
- Souza, M. L. (1995). *Serviço Social e Instituição: A questão da participação*. Cortez.
- Torres, Z. (1977). *Grupo: instrumento de serviço social*. Vozes.
- Uchôa, E. (2003). Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. *Saúde Pública*, 19(3), p. 849-853.
- Ventura, M. M. (2007). O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Revista SOCERJ*, 20(5), 383-386.
- Vitola, J., Argimon, I. L., Terra, L. N., & Dornelles, B. (2002). *Aspectos psicológicos do envelhecimento*. In: Envelhecimento Bem-Sucedido. Programa Geron. Puc.
- Zimerman, D. E. (2000). *Fundamentos Básicos das Grupoterapias*. (2a.ed.) Artes Médicas Sul.